

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Cantinho DOS RAPAZES

O Evangelho diz-nos que Jesus chorou à vista de Jerusalém, inconsciente de um futuro-próximo de perseguição e ruína, a consumir-se «por o Seu povo não ter reconhecido o tempo em que foi visitado».

Que admira, pois, que nós, pobres discípulos do Mestre, tenhamos muitas vezes de chorar tantos futuros comprometidos pelo não reconhecimento por vários de vós das graças que tendes à disposição em caminho de rendimento pleno em tempo oportuno?!

A pressa de viver sempre foi e será uma característica da adolescência. Ao contrário do adulto, que gostaria de poder roubar aos anos, o adolescente deseja-os, na expectativa unilateral de autonomia, da qual não vê a outra face, carregada de responsabilidade e de contradição. É linda a lua-cheia vista cá da terra em noite serena! E nenhum encanto revela a visão de perto, mais real, que os homens agora alcançaram!

Pois é com olhos sonhadores, à luz de lua-cheia, que vários precipitam a sua vida — e, às

vezes, vão dar mesmo a precipício. Ainda não há muito vos falei do Zé Augusto, do Ferraz e do Zézinho. Depois, recebi notícias do casamento prematuro do «Rola», obrigado a tal na aldeiazinha dos Pirinéus espanhóis onde vive, ele que devia ter ido há dias à inspecção militar e assim se exila forçadamente, pela condição de refractário em que se colocou. Na carta em que me anunciava, em tom fúnebre, um acontecimento que havia de ser motivo de exultação, dizia-me: «V. não me devia ter deixado sair daí». Como se eu pudesse impedir fisicamente a fuga, quando não é aceite o esforço moral com que procuro esclarecer e acalmar o que sofre a tentação!

Há uma semana, passando por Cambambe, dei com outro fugido há anos, andava eu também por África... Casou. Foi para a tropa. Agora, prestes a acabar a sua comissão em Angola, quando os companheiros contam ansiosos os dias para o regresso, ele disse

Cont. na QUARTA Página

Que sagrada a missão de legislar! Os homens a quem compete deveriam ajoelhar primeiro, longamente, perante as Leis da Natureza, na contemplação daquilo que Deus fez, para tirarem, em sintonia com Ele, os corolários da Sua Lei — que seriam legitimamente as suas leis.

Deus fez o mundo e entregou-o ao homem para que o dominasse. Investido gratuitamente na qualidade de dono do mundo, o merecimento a ganhar pelo homem a tão divinizada investidura é função da sua actividade. A primeira imagem autêntica desta tomada de posse é de esmagamento sob tão sobrehumana responsabilidade — como se Deus infinito pegasse na «bola» do Universo e a pusesse nos frágeis braços do homem. A segunda imagem, frente a um primeiro e surpreendente instante de capacidade de facto, revela que Deus não brinca com os homens; e aquilo que estes não podem por si, pode Ele neles se aceitarem o mistério apaixonante do Infinito contido no finito, do Perfeito no imperfeito, do Necessário no contingente... como fermento que leveda... como sal que dá o gosto. A terceira imagem retrata-nos o homem

Visado pela
Comissão de Censura

DOCTRINA

humilde e confiado, que Deus formou por esta pedagógica ordenação: Um acto Seu de amor; determinante no homem de um impacto; a que ele reage pondo-se no seu lugar, na órbita da sua condição de criatura sobre-elevada.

Ao dono que não tem conhecimento dos seus bens, dificilmente o entenderia legítimo. É que não se pode amar o que se não conhece. E dominar na perspectiva divina, é acender na Terra o fogo do Seu Amor — fonte de toda a Justiça — e não poder querer outra coisa senão que o fogo ateie.

A posse antes de ser direito é responsabilidade. Quem não tiver consciência disso não é digno dela. O dono tem de investigar, de conhecer o objecto do seu senhorio, para tirar par-

tido dele, para o fazer render tanto quanto a necessidade de cada hora exige. Disto será capaz (sem, contudo, exaurir a produtividade do seu património) se for humilde e confiado, isto é: consciente da sua própria limitação e seguro da assistência de Deus, que não brinca com os homens.

Não se assuste, pois, por exemplo, com o crescimento da Humanidade. Fome sempre a houve e há, não por insipiência de Deus, mas por incúria e irresponsabilidade dos homens. São, exactamente, as suas leis, arbitrarias, relativas, quantas vezes contra-natura, a causa da desorganização da Humanidade e do caos em que vegetam maiorias. Governar

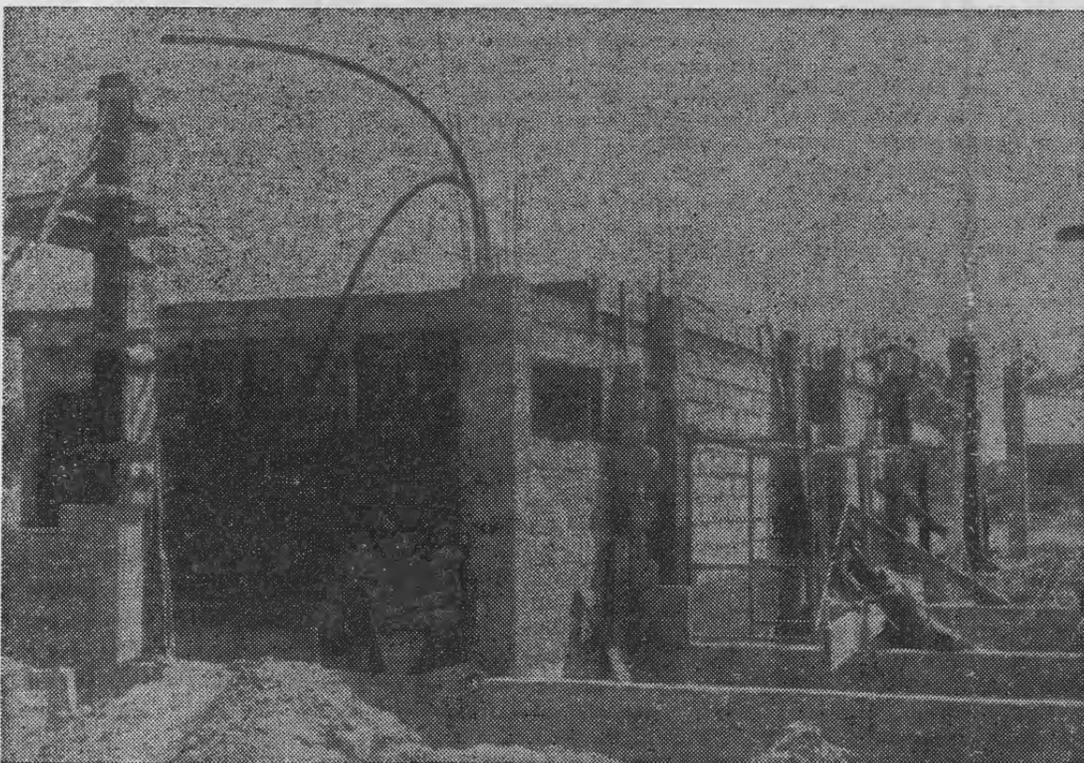
Cont. na TERCEIRA Página

Agu Lusboa

Assistimos no Pavilhão dos Desportos à despedida do Senhor Cardeal Cerejeira, após longa e devotada entrega ao serviço do Patriarcado, e à posse do novo Patriarca, que, no dizer do primeiro, «é já o presente radioso do sol que sobe no horizonte» e «traz consigo todas as esperanças do futuro: traz o mundo novo que o Concílio está criando». Integrado numa Obra que, embora humilde, é e quer ser da Igreja, não queremos deixar de testemunhar a nossa gratidão por tantas provas de amizade recebidas do velho Pastor e testemunhar ao novo Pontífice, acabado de chegar a tão elevado e espinhoso cargo, o mais profundo respeito e o incondicional apoio na esfera de acção que nos cabe. Não podemos esquecer a palavra de Pal Américo: «Somos do Papa e do Bispo». De resto, os homens passam e a Igreja permanece e, como foi dito nas cerimónias referidas, «há um só Cristo, uma só Igreja, um só sacerdócio, um só Patriarca».

Das palavras proferidas em 29 de Junho queremos destacar, por um lado, aquelas que o Senhor Cardeal colocou sob o título «A minha herança»: «Deixo a Diocese como entrel nela. Nada lhe trouxe, tudo lhe dei do que me deram, salvo sem levar nada de meu, senão os objectos de meu uso»; do novo Bispo evidenciamos: «Na entrega que faço, resume-se o propósito firme de me consagrar totalmente ao serviço do Povo de Deus no Patriarcado, partilhando com todos, em especial com os mais pobres e desprotegidos, as alegrias e as tristezas, as esperanças e as angústias, as certezas de fé e a procura dos novos rumos pastorais requeridos ou aconselhados pela inserção dinâmica da Igreja no mundo». (O sublinhado é nosso). Se nos congratulamos com o desprendimento do primeiro, pomos fortes esperanças na actuação do segundo, de quem se aguarda seja dinâmico obreiro do

Cont. na QUARTA Página



Lourenço Marques — A rouparia já tem placa.

PELAS CASAS DO GAIATO

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

Domingo passado foi mais um dia feliz. Limpámos — e enterrámos — montes de lixo da moradia(?) daquele homem de que vos falámos.

As arcas desfaziavam-se — carcomidas. Os catres, mesas, trapos e soalho, idem. Um dos cireneus esteve a tombar — que o soalho abriu.

Abafámos com trabalho e alegria aquela tristeza degradante. Ainda que tivéssemos de confortar uma cireneia, deprimida. Não estava habituada. E é vizinha.

O nosso Amigo é a calma personificada. Quem havia de dizer! É certo que chorou, ainda, por uns trapos velhos — «é roupa de meu pai»... Todavia, conseguimos enterrar tudo, tudo, tudo! Com a máxima delicadeza.

Deus estava ali. Estava, sim senhor. Dissemo-Lo. Repetimo-Lo. Apalpámo-Lo. Foi um acto de fé na continuação da Ceia Eucarística. Foi Ceia! Foi Domingo. Foi Ressurreição. Rasgamos o peito e limpámos, também, a nossa alma pecadora — de sete vezes ao dia.

Continuamos a barrela, nos próximos domingos. Temos uma cama completa, um novo bragal, nova louça. Vamos caiar. E continuar a reparar o soalho. E esfregar.

Entretanto soubemos, que o nosso Amigo exclamou a um vizinho «vão dar-me uma cama!»... Quem não quer dormir em cama decente, quem?! Aquela afirmação é uma acusação à nossa incúria, ao nosso desleixo — à nossa omissão.

● Agora escutemos, presenças de quantos conosco colaboram. Abre a Viúva do Porteiro com 20\$ «pela saúde do meu filho». Que Deus a ajude e ao seu filho. Segue o assinante 29086, de Lisboa, tocado pelo caso de cima, que temos em mãos:

«Li com muita atenção as notícias mencionadas da vossa Conferência sobre a «Campanha de Sanidade», no «Famoso» de 10 do corrente. Em contribuição ao vosso apelo junto 50\$00, pedindo muita desculpa de ser um pequeno auxílio...»

São ofertas delicadas; cristãs.

Mais 50\$00 de Caldas da Rainha — de bom e velho Amigo. Idem, de Vizela. Idem da Rua Aval de Cima — Porto. Mais 20\$00 da assinante 17022 — que nunca falta! E o mesmo na mesma, da assinante 17740. Idem, idem, da Sra. Leonor de Contumil. E mais 30\$00 de velho Amigo que foi da Fábrica de Tabacos, do Porto. E mais 100\$00 de Camacha. E mais 20\$00, ainda do Porto, do Bairro de Paranhos. E viva o Porto! Roupa de Newark — América, e da Régua. De Oledo, 70\$00. Do Rio de Janeiro 350\$00

para que se «possa atender alguma necessidade urgente da Conferência». Vieram na hora própria! O Senhor sabe das necessidades. Nós é que fechámos os olhos, os ouvidos, a bolsa — e a alma. Outra «pequenina oferta para a Conferência» de uma leitora da rua da Travagem — Porto, que friza «Oxalá chegue aí; que não fique pelo caminho...» Chegou. Demos graças a Deus! Mais 25\$00 da Sra. Leonor, de Contumil. Sabe Deus — e mais ninguém — o Valor intrínseco desta oferta. É sangue de uma Pobre.

É uma presença do Senhor no meio de nós. Finalmente, «Uma assinante do Seixal, com muita amizade, envia 500\$00 para a Conferência de Paço de Sousa». Hão-de vir outros assim — porque continuamos em dificuldades para atender casos urgentes e inadiáveis.

É conveniente, porém, que os donativos sejam remetidos em nome da Conferência de Paço de Sousa — para evitar equívocos.

Obrigados.

Júlio Mendes.

BENGUELA

Eleições — Tivemos no passado dia 20 eleições para o novo chefe maior.

Foi eleito o José Luis Vieira com 27 votos, seguido com 17 pelo Victor Gomes que fica sub-chefe. O Manuel Afonso com 3 votos será um sub-chefe.



José Luis Vieira — Chefe Maioral

Estiveram presentes ao acto todos os que tinham a 4.ª classe, e também alguns que não mas com idade superior a 14 anos. Demos uma salva de palmas aos novos chefes e usou da palavra o Victor Lopes, que terminou o mandato. O José Luis Vieira, não chegou a falar sufocado pelo nervosismo. O Sr. P.e Carlos frizou então a dura tarefa do cargo.

Aos novos chefes desejamos as maiores venturas, e que saibam estar sempre no seu lugar, para que o mandato seja cumprido com respeito, dignidade e camaradagem.

Uma visita — Tivemos entre nós o Sr. P.e Carlos, que aqui fez escala



Victor Gomes — Sub-Chefe

rumo a Lourenço Marques, onde permanecerá uns meses enquanto o Sr. P.e José Maria descansa.

Às 7,30 horas da manhã, a carrinha com o Sr. P.e Manuel António ao volante rumou ao Lobito, com grande parte da comunidade a fim de receberem o simpático visitante. Foi uma visita de médico! Deu uma voltinha pela Aldeia, até chegar a hora do almoço, com um único prato de «pirão».

Obras — Com o Sr. Fernando na vanguarda não temos mãos a medir. Também na orientação das oficinas o Sr. Fernando, tem sido verdadeiramente incansável em nossas obras.

Temos já o primeiro dormitório para 74 rapazes. Mas quando o Sr. P.e Manuel António foi saber o preço das camas e mesas de cabeceira, deu-lhe vontade de dormir no chão!!...

São seis camaratas de 12 camas, mais um quarto de duas camas para os chefes. Amigos leitores a campanha fica lançada: uma cama cada um e assim, tiram dores de cabeça ao nosso P.e Manuel António. Estamos ansiosos pelas camas a que temos direito...

Vamos para a frente, convencidos de que no dia 23 de Outubro, dia previsto para a inauguração, lá teremos o respectivo mobiliário...

Desportos — Américo é o organizador do atletismo de que fazem parte provas de corrida, salto, lançamentos, enfim, uma série de modalidades que entretêm e educam a malta. As provas têm sido realizadas todos os fins de semana no nosso campo de futebol e com bastante gasosa ao punhado de rehuçados. E têm lutado com afinco. Mas acima de tudo há um prémio surpresa que o Américo guarda, em segredo.

No que toca a futebol o nosso «Meirim» tem sido incansável, tanto na condução física como na disciplina dos seus pupilos. Conseguimos um 2.º lugar num torneio de futebol de salão, organizado

pelo Instituto de Trabalho cá da cidade. É pena que o nosso treinador se vá demitir, pois a malta fez boa figura, principalmente no que diz respeito a disciplina. Mas aparecerá outro; esperemos...

Estudos — Tivemos este ano duas «raposas»!... Uma no 2.º ano da Escola Preparatória e outra na 4.ª classe. De resto tudo foi de modo a satisfazer.

Lavoura — Quanto a lavoura, segundo indaguei junto do Carlos dos Anjos, as batatas e cebolas estão a crescer com toda a vontade de serem consumidas.

A banana, neste tempo de cacimbo, não amadurece tão depressa. Por isso, o trabalho restringe-se ao arranjo dos bananais. Em Agosto, porém, já o tempo aquecerá. E Melo mai-lo camião, não terão mãos a medir. E ainda bem...

Diamantino

LAR DE COIMBRA

O ano lectivo terminou. E embora no que respeita a rendimento, não tenhamos obtido os desejáveis 100%, conseguimos pelo menos um bom ano escolar.

Dos estudantes do nosso Lar, só um não conseguiu vencer. Os outros todos levaram a melhor. No Colégio Pedro Nunes, onde os nossos rapazes estudam por amizade, o — Domingos fez o 2.º ano do Ciclo Preparatório; o Lita transitou ao 5.º ano e terá para o ano um pouco mais que fazer já que este descansou bastante; o Belmiro fez o 5.º ano completo e eu algumas cadeiras do 7.º ano.

Na Escola Comercial também fomos bem sucedidos ainda que não em tudo, mas o Faisca estará na próxima época no 2.º ano nocturno embora coxo a Matemática — o mal de muita gente — e o Casimiro que estuda de dia embora não tenha terminado o 5.º ano, confia que fará na 2.ª época o pouco que lhe falta.

Houve ainda o Zé, que embora meio ausente, meio presente, devido ao regime de tropa em que está, conseguiu fazer aquilo que pretendia: as três disciplinas a que se habituou.

Falta só falar-vos da última escola em que estudam rapazes nossos: a Escola do Magistério Primário, onde o Manuel Cesário terminou o seu curso com uma boa classificação. Foi mais um a juntar-se ao número dos rapazes que no Lar já terminaram aquele curso e que agora são meia dúzia.

Nem só estes constituem a população do nosso Lar, se bem que poucos mais. Mas há ainda o Véstia e o Eliseu que estão empregados, embora não estudem por não terem a idade necessária para frequentar a Escola Comercial Nocturna. O Zé Albino, com um emprego promissor, fracassou. Foi uma oportunidade boa que perdeu. Só desejamos que com ideias um pouquinho mais assentes, à próxima oportunidade que surja se agarre a ela com unhas e dentes. E já agora

para não deixar ninguém no anonimato, cito também o cozinheiro — o Bichas que também vai dando conta do cargo, conforme pode é claro, de nos manter em linha.

Como todos os amigos vêem e a maioria sabe, o número da rapazes este ano no Lar foi muito restrito. Não podíamos, ao mudar de uma casa pequena para a actual que é grande, introduzir muito mais rapazes. Assim iremos, aumentando gradualmente. De ano para ano irá crescendo o número até que tenhamos a casa cheia.

Francisco José

CALVÁRIO

Uma data — O dia 16 de Julho de 1966 foi para quem vos escreve estas linhas um dia cheio de pesadelos. Não pelo facto de Pai Américo expirar. Simplesmente, éramos pequenos em demasia, para atinar com aquela frase... «Quando eu morrer começará a Obra...» — Quanta incerteza se apossou de quantos viviam à sombra da Obra da Rua, só Deus sabe! Não éramos só nós, os protegidos por Ela, mas também tantos amigos espalhados, por todos os recantos de Portugal e doutros países.

16 de Julho de 1971. Dia de gloriosa certeza e de acção de graças para todos nós, de fora e de dentro. Pois o corpo foi. Mas ficou Pai Américo mais pujante do que nunca! Aos crentes e, sobretudo, aos descrentes daquela hora de trevas, aonde tudo parecia falhar, eis que os factos estão à vista de toda a gente, confirmando de forma insufimável as palavras deixadas aos homens, por Pai Américo! Na verdade a semente morreu. Assim encontra-se a germinar embora lutando contra tempestades. O certo, é que Deus não se esquece de que precisam de «Sol» para rebentar, saídos da podridão, alguns frutos saborosos! É pois uma árvore com bastos ramos a dar sombra a tantos carecidos de tudo. E assim o caminhar será mais seguro para os exitantes.

Precisamente o Calvário foi a primeira fase de tão grande desenvolvimento.

Foi um ano após, que começou. Portanto, estão passados 14 anos. Só temos que nos alegrar com o facto. E não motivos para tristezas! E a verdade é que foi nesse dia, para nós e para alguns amigos que se juntaram a esta comunidade de doentes e rapazes, deixando os seus afazeres para se alegrarem conosco. Primeiro na Capela — espigueiro de Pão Vivo, e depois numa refeição sem alardes de grandeza. Apenas prova de que Deus é Bom.

Manuel Simões

Eis-nos, uma vez mais, dando conta do que nos chega às mãos, por várias formas e feitios, mas sempre com toque amoroso.

Uma carta de Santarém e 200\$, sendo a letra já nossa conhecida. Ei-la:

Meus caros amigos:

Com franqueza absoluta não posso afirmar se estamos em dívida convosco do «abono de família» da nossa filha, ou não, mas creio que cá por casa começamos a ter uma organização tão «desorganizada» como a vossa, e nunca temos a certeza de termos ou não enviado o abono de família... Creio que isto resulta de programas demasiado carregados todos os dias, o que nos faz chegar à noite com pouca vontade de escrever, nem que sejam só duas palavras, a enviar a importância da dívida.

De qualquer forma, seguem dois meses de abono, que segundo os nossos cálculos são correspondentes a Março e Abril — costumamos receber o abono, na empresa privada com 2 meses de atraso. Se por acaso já os tivermos enviado antes não faz mal — fica para compensar as muitas vezes que não cumprimos, está bem?

Os nossos irmãozitos daí estão bons?

Rezem uma Avé-Maria por nós, porque «isto» espiritualmente não anda bom! Deus nos ajude!

Um Casal muito amigo

Amigos, é sempre com satisfação, que recebemos as vossas notícias. O Pai do Céu seja com todos e apareçam como e quando puderem. Um beijo para a nossa irmãzinha, dos nossos pequeninos.

Adelaide Couto, com 50\$, por alma de seu marido. Rosa

Do que nós necessitamos

Maria, de Ilhavo também com 50\$. Da Associação Recreativa «Os Restauradores do Brás-Oleiro», o donativo de 100\$. Das escolas de Araújo, Leça do Balio, 200\$. Roupas e 50\$, de Tondela. Maria Teresa, com 20\$, que havia prometido quando se empregasse. Assim aconteceu, e cá vai ela toda contente. Presenças de todos os meses, da «Mãe que crê em Deus», destinadas ao quarto do velhinho do Barredo.

Da Amadora, a perseverança constante de quem nunca falta com selos de correio. Uma vez são 75\$, outras 100\$. Vestuário e livros, do Porto, de Senhora que nos pergunta se fazem jeito. Pois fazem, e muito, minha Senhora. Por alma do Manuel, 50\$. Metade do ordenado, dum senhor de Adáufo, que se empregou. Foi um vale de 1.025\$50, que nos chegou. Da Escola Gomes Teixeira, mesmo abaixo do nosso Lar do Porto, a visita que muito nos alegrou. E deixaram-nos, 1.500\$, caixas com bolachas e sacos de rebuçados, mais muita simpatia. Bem hajam.

Do Porto, 500\$, de velha amiga, que nos acompanha desde a primeira hora. 50\$ de M. Júlia. Da Avosinha de Santa Rita, de Caldas da Rainha, 200\$. «Uma mãe» com 50\$. Roupas de Ana Rosa, de Aveiro. Mais delas, de Vila Nova

de Gaia. Ass. 33057 de Matosinhos, com 170\$. De Algés, 50\$. E um fardo de bacalhau e 500\$ da Cruzada de Bem-fazer de Viana do Castelo, aquando da visita que nos fizemos. A presença anual, do Pessoal da Fábrica de Malhas do Ameal e 520\$. De Águeda, «Obra de Deus para os Pobres», 40\$ mais 50\$. E 500\$ mais 50\$ de Valadares. Da Comissão Beneficente da Queima das Fitas, deste ano, recebemos 11.135\$50.

De Braga, um saco de chapéus de palha, tirones, que muito jeito nos fazem. Roupas da Covilhã. Mais roupas de Lisboa. 1.000\$ do assinante 7493. Mais 250\$ duma assinante do Seixal. Envelope com 20\$ e mais nada. 50\$ de Lisboa. Do «Primeiro ordenado de meu filho», 40\$. Do «aumento da minha reforma», 543\$00. Aveiro com 20\$. Pelos bons resultados em exames, recebemos, 150\$ de Espinho, 1.000\$ de Lisboa, 200\$ de Viseu e mais 100\$ de Espinho. Sufragando a alma de entes queridos, J. Duarte, enviamos um cheque de dez contos. Foram lembrados no altar da nossa Capela, aliás, como o são todos os nossos benfeitores. 100\$, de Adelino de Jesus Almeida, de Lisboa, em cumprimento de uma promessa. Mais 50\$ de Lisboa. Ass. 14604 com 500\$. Castelo Branco, 50\$. Alguém com 500\$. Das Alunas

do 3.º ano do Liceu Nacional de Vila Nova de Gaia, 1.220\$. Uma caixa com calçado, de Guimarães. Roupas de Pejões-Velhos. E mais roupa, encantadoramente arranjada. Solas para sapatos, de Gaia. Cumprindo uma promessa, 1.200\$. Da Amadora, 50\$. Selos usados do Porto. Uma viola de Godim — Régua. Assinante de Espinho com 600\$. Alfena com 20\$. Algueirão com 220\$. E mais 420\$ de graça recebida.

Um fogão de gaz, da Cidla. Vário vestuário, da Alfaiataria Infantil, no aniversário dessa Casa. Medicamentos e 350\$, dos Amiguinhos da Pasteleira. 101\$50, oferta habitual do «Tio Alberto». De Tomar, 100\$. Migalhas de 701\$10, das crianças da Catequese, de Gon-

domar. Das muitas vezes que aparece cá ou passa pelo Lar do Porto, o Padrinho do nosso Eusébio, marca sempre sua presença. Desta vez com 400\$. Lisboa com 20\$, 100\$, 700\$ e 250\$. Mais 500\$ de Aveiro. «Por alma de meu marido», 100\$ mensais e 50\$ de promessa. Ass. de Rio Tinto, com os 100\$ do costume. 500\$ de «Uma Mãe». António, presente todos os meses, desde há anos. Presente aquele cartãozinho que, de tão sensível, me tocou, há anos, quando o li pela vez primeira. Já há muito que não aparecia nesta coluna. Com ele, vieram-nos 500\$. Ei-lo: «Por alma d'aquela que eu tanto amei, para a Obra que ela tanto amava».

Da Amiga do Henrique, 92\$50 e 144\$. Do Porto, 50\$. Tomar com 120\$. Novamente, os Amigos da Pasteleira, com 270\$. Da Amadora, um vale de 100\$, para ajuda dum cobertor. Vilar Formoso com 100\$. De Flávia Gomes, 20\$. E «duma alentejana», assinante do Famoso, 100\$. E ainda o muito que se recebe, graças ao Senhor, e não se anota.

Obrigado.

Manuel Pinto

DOCTRINA

Cont. da PRIMEIRA Página

não é «defender... contra...», como li há tempos; é reger a grande harmonia dos bens, universais criados para o homem e que este vira contra si-mesmo no desígnio trágico de Caim, ciumento de Abel, como se não fôramos todos criaturas do mesmo Criador e mais: filhos do mesmo Pai que Se faz Tudo para todos!

— Caim, onde está o teu irmão? — perguntou-lhe o Senhor.

— Não sei. Acaso sou eu guarda do meu irmão?...

Exactamente, esta é a Lei: Cada um guarda do seu irmão. E o princípio do qual os homens têm discorrido as suas leis é o de Caim. Aqui o erro, a causa da assintonia: o homem que não sabe nem se julga devedor de saber da sorte do outro homem.

E então o Mundo em que todos fomos empossados reduz-se ao mundinho de cada um, que cada qual explora, não no sentido de conhecer e de amar para extrair dele, sem exaurir (que o Mundo é património de todas as gerações!), o necessário a cada hora — mas no mau sentido, mais óbvio, talvez, porque mais vivido, da palavra exploração, cuja constituição etimológica me parece significar acção a partir do choro, exactamente do choro de muitos, feito preço do gozo de alguns.

Não, assim não se constroem a Paz. Nesta mente nunca se

conseguirá governar sem ser-contra..., quando governar, mesmo as pequenas comunidades, deveria ser trabalhar como o modesto instrumentista para a riqueza harmónica do grande conjunto orquestral.

Como, em tribunal, é perguntado à testemunha se tem laços de sangue ou de dependência ou de animosidade a respeito do réu (e tal conta para a valoração do testemunho) — assim o legislador havia de ser isento de interesses, dos seus interesses, quando é chamado à tão profanada missão de legislar. Todo o legislador deveria ter evangélicamente espírito de Pobreza e de Humildade, que o capacitasse para se apagar do primeiro plano das suas vistas, de modo que nada de si ou de seu interferisse no grande plano do Bem-comum.

Se não é fácil atingir esta meta ideal, proporcionada à sagrada missão de legislar, que, ao menos, os homens não absolutizem as suas leis, jamais escravizem a elas, outros homens a quem elas deviam servir. E, quando verificarem que elas desservem, ou contradizem as Leis da Natureza, se disponham a fazer como Pai Américo disse: Rasguem-nas.

Setúbal

No Liceu o Pedro perdeu o ano por faltas. Já não frequentou, quase toda a 3.ª época. Desorientou-se, desanimou e tentou convencer toda a gente de que não era capaz de estudar. Houve até quem fosse na sua cantiga. Eu não. Sei bem, por experiência própria e muito mais pela alheia que «querer é poder». O Pedro não é muito rico de inteligência, mas também não é tão distituído como se fazia.

Recebi comunicação do Liceu para que pedisse a relevação das faltas! É o pedes!... Isso é que eu não fiz nem farei a ninguém. Pedir relevação de faltas para quem devia aproveitar todas as aulas como um grande Bem que a Sociedade dá?... Pedro veio a tribunal. As suas razões não convenceram ninguém nem a ele. Confessou-se faltoso. Levou uma tarefa. Foi de castigo trabalhar... Tudo certo aos olhos da

Comunidade e aos meus!... Pedi-lhe que reconsiderasse. Sempre que a vida me ajuda com um caso, aproveito para sobre ele fazer luz no espírito dos meus. Sobre o valor da cultura e da instrução do homem quase me torno massador. O Pedro tem ouvido e guardado. No trabalho mostrou-se aplicado e consciente. Agora escreveu uma carta que pôs no escritório a pedir que o deixasse voltar ao Liceu.

A minha decisão é que sim. Pedro voltará para o terceiro ano liceal e nós aguardaremos o fruto da lição que ele tomou por suas mãos.

O Domingos no 3.º ano da Escola Industrial onde se matriculou, de dia, no curso comercial seguiu as pegadas do Pedro. Não por influência ou imitação, mas por preguiça, inconsciência e má fé! No terceiro período saía do Lar para

as aulas mas ocupava-se na vadiagem. Durante o ano foi castigado várias vezes por roubar e não estudar. Eu pedi, exortei, estimulei e ameacei. Nada. O Domingos fechou os olhos à Luz e abriu-os às trevas!...

Leituras de cowboys, imaginação e aventuras foram a sua atracção.

Veio a tribunal. Confessou que a sua vida era uma «chachada». Foi castigado com um «rapanço» de cabelo e uma valente sova! Prometeu emendar-se. Foi para a oficina de Tipografia onde eu aguardava o fruto do seu arrependimento. Tudo tem sido vão. O Domingos não quer trabalhar nem aprender. Tudo é inconsciência. Ainda não acordou da «chachada» — o termo é dele — que o absorve. O ano que vem não irá estudar!

O Jorge fez o 5.º ano liceal em dois anos. Estudou de dia e de noite com uma vontade férrea. Buscou a Deus sem desânimo, na oração e nos sacramentos. O ano que vem quer arrancar o 7.º do Liceu. No Externato pagamos 550\$00 por mês para ele mas bendizemos o dinheiro gasto!

Padre Acílio



Um leitor de Coimbra traçou um programa de trabalho e fornece resultados:

«...Mais uma vez verifico que todos podemos. O que é necessário é querer. Pedi ao Senhor e, afinal, sem grandes dificuldades já consegui 6 assinantes.

Continuarei com a Sua ajuda e espero que pela minha parte a Campanha não acabe aqui...»

Aqui está o Adubo da sementeira!

Consoante os talentos de cada um, todos dão o seu contributo à procissão. Escutemos uma proposta de um português residente em Hayward — Califórnia — América do Norte:

«...Sugeria que escrevessem para os dois jornais portugueses que aqui temos, os dois têm programas de Rádio e se lhes disserem que desejam assi-

CAMPANHA DE ASSINATURAS

nantes eu penso que eles os arranjarão de boa vontade...»

• DE NORTE A SUL DO PAÍS

Porto e Lisboa não descansam. E não é para admirar. Debaixo dos meus olhos pecadores segue uma catrefa de novos leitores. E com legendas muito simpáticas: «tenho-os sempre no meu coração e envio um novo assinante»; «continuo a minha campanha de assinaturas»; e mais e mais e mais.

E que dizer do resto do País?! Fixemos as terras: Lavos, Barragem de Carrapatelo,

Pedrógão Grande, Coimbra um ror de vezes e um pedido:

«Agradeço me informem em que condição é que posso assinar o vosso jornal...»

O desejo, o interesse, são a condição. E o jornal seguiu logo...

Uma carta de Viana fornece

leitores de Aldreu e Perre. Mais Póvoa de Santa Iria e Guarda e Ovar, Avanca, Santa Iria de Azóia, Camarate, Valongo, Trofa, Oeiras, Beja, Barrocal do Douro, Riomeão, Algés, Mercena, S. Pedro da Cova, Braga, Rio Tinto, Figueira da Foz,

Algueirão e Campanhã. Um mundo de gente!

• ULTRAMAR E ESTRANGEIRO

Em Angola contamos novos assinantes no Dondo, Luanda, Cabinda, Lobito e Alto Catumbela. Na outra costa, em Lourenço Marques.

Boas notícias da África do Sul! Mais assinantes de Benoni, Brekpan e Edenville.

E vivam os Leitores do «Famoso»!

Júlio Mendes

Aqui Lisboa

Cont. da PRIMEIRA Página

«mundo novo que o Concílio está criando».

Estamos numa época nova. Sem renegarmos ou diminuirmos o passado, que também é nosso património, o mundo exige-nos o regresso ao Cristo do Evangelho, não só ao Seu espírito — e isso é trabalho de todos os dias — mas à letra da Sua actuação concreta. As viagens de Paulo VI, aliás, inserem-se nesta linha. Visitar e ajudar os pobres, os presos e os doentes; socorrer os aflitos; matar a fome do corpo e da alma aos esfomeados; consolar e aliviar os oprimidos; pregar e realizar a justiça, sem demagogias fáceis mas com a clareza e a independência que a fidelidade ao Evangelho exige; denunciar com caridade mas com firmeza as injustiças; ir, ir ao encontro de todos, gregos ou troianos, onde quer que se encontrem, oferecendo-lhes gratuitamente a salvação, num despojamento total de bens e de honras deste mundo, à maneira do Jesus de Nazaré, que nascido nas palhas também não encontrou onde reclinar a cabeça. Se é certo que a História se repetirá, não faltando os fariseus e quem olhe para trás, isso pouco importará, se ao fim

e ao cabo o que precisamos é de levar a Boa-Nova a toda a parte e torná-la acessível a toda a gente!

A finalizar e à lala de parêntesis não quereríamos deixar de referir aqui quanta alegria sentiríamos se caminhássemos todos, Bispos, sacerdotes e religiosos, num sentido dum maior desprendimento terreno, não só efectivo mas também aparente. Estamos numa encruzilhada da história em que «o nosso serviço e missão apostólica devem realizar-se muito mais sinceramente em pobreza» e «há que tornar mais real e palpável o nosso serviço à Igreja e ao Mundo, seguindo Cristo pobre e crucificado», disse-se num documento publicado após seis dias de reunião realizada pelos Jesuítas em Espanha. Seria de desejar que, como ali, em Portugal a Igreja se libertasse «depressa de alguns dos seus bens em serviço do mundo dos pobres» e que também tivéssemos a coragem de entre outros aspectos, nos servirmos de carros menos luxuosos e mais utilitários e de procurarmos casas menos faustosas para vivermos, embora confortáveis e com todos os requisitos de dignidade, transformando os velhos palácios em museus, locais de reunião ou de promoção humana. Importa sobretudo o ser, mas, na sequência deste, é indispensável o parecer, para que os outros acreditem.

P. S. — Chegam-nos facturas num valor superior a 40 contos! Quem vem por nós?

Padre Luís

Cont. da PRIMEIRA Página

-me, vencido, não ter coragem de voltar, por motivos de infidelidade da mulher, para ele confirmadas pelo muito tempo que passou sem ela lhe escrever. Vinte e três anos — o tal tempo oportuno para a fundação alegre e saudável do seu lar, esperança de felicidade continuada!... Pois não senhor — um vencido da vida!

Aqui, a Lourenço Marques, me chegou a nova da saída do «Sobrinho» e do Nuno. Não foi surpresa. O primeiro já me falara nas suas intenções, ao pôr-me em estilo de ultimatum: — Se não for estudar, então vou-me embora.

Falei-lhe com paciência, que não reconheço por minha, mas atraída do Céu, qual, para-raios, pelo nosso Cruzeiro, ao pé

Cantinho dos Rapazes

do qual conversávamos. Nós dois integrávamos naquela hora, o pensamento que Pai Américo mandou gravar na pedra de granito: A Cruz permanece, enquanto o mundo rodopia. Ele começou por me dizer que «tinha as ideias turvas». Eu, sem favor nenhum, tinha as minhas muito transparentes. Falámos. Ainda tive esperança que a sua inteligência estimulasse

o bom-senso a uma decisão razoável. Não sei se por falta de reacção sua, se por influência do Nuno (um para o outro o «amigo da onça» que sempre aparece nestas ocasiões de crise) — a verdade é que foi, é que foram os dois.

A saída assim de um rapaz das nossas Casas, ainda que seja um fenómeno comum, tem um nome próprio. Não se pense que o mesmo acto material praticado por vários tem o mesmo significado, a mesma repercussão, o mesmo tratamento. Ainda agora, no caso destes dois, há um e outro caso. De um deles tive oportunidade, mais do que uma vez, de citar a nobreza do seu carácter, apesar de no mesmo instante ele se apresentar perante a comunidade citado como réu. Por isso mais me custa ter de registar aqui uma nódoa negra, justamente sobre o seu carácter. Acabados os exames da Telescola; com quatro anos de oficina, mercê dos quais pretenderá ganhar o pão de cada dia; com uns dez anos de Casa, que o sustentou e procurou colocá-lo num caminho de homem — ele, achando-se suficientemente servido, não diz muito obrigado nem pergunta se não será a hora de prestar ele também algum serviço aos seus irmãos mais novos, tal como lhe prestaram outros mais velhos, uns que passaram no tempo oportuno, outros que aí permanecem para servir. Nada! Julgando-se servido — foi. E no entanto, nem ele próprio estava ainda suficientemente servido. Aquilo que a Obra deve a todos vós — escreveu Pai Américo — «é fazer de cada rapaz um Homem». O seu acto, num rapaz de 17 anos, é certo, mas inteligente e acompanhado, diz-nos claramente quão longe ainda está de ser um Homem.

Nisto reside a dor que me dilacera: ele ter capacidade e recusar enchê-la à medida plena.

Que Deus os guarde. A nós resta-nos rezar como Pai Américo: — «Senhor, eles são mais teus do que meus!»

Carta de uma Mãe

«Que o Senhor o abençoe e ao seu trabalho de verdadeiro discípulo do Mestre, são os nossos votos.

Mais uma vez tivemos a alegria de receber um livrinho que nos fala de tudo quanto é grandeza e beleza, através da sua leitura simples de casos simples e vulgares, mas onde em cada linha descobrimos Cristo que sofre e almas que o confortam.

Enternece-nos até às lágrimas a singeleza com que se contam os casos familiares da Casa do Gaiato e foi leitura espiritual de fim do dia até se esgotar.

Se o mundo parasse para ver, para apreciar a beleza das coisas simples, que bom seria Sr. P.e, mas o mundo corre à procura, às vezes nem sabe de quê e muitas vezes depara com abismos, com nada e chega ao fim de mãos vazias...

Sr. P.e diga aos seus meninos que rezem uma Avé-Ma-

ria pelos meus rapazes, mas sobretudo pelo que está na guerra.

Tenho tanto medo das mutilações! E não menos das da alma...

Aos doentes do Calvário, valores que o mundo não conhece, peço também a Caridade de oferecerem do seu sofrimento por essa intenção, ao menos uma pequenina parte.

Tenho tanto medo das muração, sobretudo das crianças e dos doentes.

Perdoe, Sr. P.e o tempo que lhe estou tomando, mas há ocasiões em que sentimos necessidade de comunicar com alguém que sentimos mais perto de Cristo, mais nosso irmão.

Junto um cheque de 100\$00 para o livro e para a assinatura do Jornal cujo número de assinatura é o 20850.

Mais uma vez renovo os meus agradecimentos e respeitosos cumprimentos da...»



TRANSPORTADO NOS AVIÕES
DA T. A. P. PARA ANGOLA E
MOÇAMBIQUE